

AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM DE CRIANÇAS SURDOCEGAS: DIÁLOGOS ENTRE LINGUAGEM, CORPO E SUJEITO

Luiz Carlos Souza Bezerra

Pretende-se, neste trabalho, tecer reflexões acerca da aquisição da linguagem de crianças surdocegas, porém, acreditamos ser pertinente, de início, chamar para a discussão a Aquisição de Linguagem e a Psicanálise, e estabelecer um diálogo inicial. Os pontos de reflexão entre essas áreas são a linguagem, o corpo e o sujeito. A partir daí, surge uma inquietação: qual a relação da Aquisição da Linguagem com a Psicanálise? Antes de responder a essa questão, surge outra: a que área de Aquisição de Linguagem nos referimos?

Nesse momento, seria importante afirmar que a Aquisição da Linguagem é uma área interligada às interfaces da Linguística e da Psicologia, doravante denominada como Psicolinguística. Desse modo, é comum autores mencionarem que se trata de uma área interdisciplinar, híbrida e heterogênea, que congrega perspectivas teóricas diversas.

Talvez, afirmar que se trata de uma área heterogênea não seja suficiente, pois lidamos com perspectivas teórico-metodológicas distintas e divergentes. Importa salientar que um ponto em comum entre as Áreas da Aquisição da Linguagem é elucidar a relação da criança com a linguagem a partir de olhares e de lugares diferentes.

A aquisição da linguagem na vertente da Psicologia Behaviorista de Skinner (2003) buscou compreender a aprendizagem da linguagem, ou melhor, a aprendizagem da comunicação pela criança. Para este autor, a linguagem se dá na relação de aprendizagem como qualquer outra habilidade. Aqui, ela é um comportamento a ser aprendido. É sabido que se pode afirmar que Skinner não tinha interesse em estudar a linguagem, e sim, em explicar o comportamento humano. Mas devido a seus estudos terem se estendido à linguagem, este autor terminou estabelecendo uma relação entre

comportamento e linguagem/comunicação, ou seja, reduziu a linguagem a um comportamento e a criança a um aprendiz passivo.

No intuito de problematizar a aquisição da linguagem na Linguística, Noam Chomsky (1972) assume que esta configura-se como um processo de desenvolvimento/evolução a partir de um aparato biológico íntegro, e admite uma hipótese inatista. Para o autor, a linguagem situa-se em torno de uma concepção biológica e racional. O legado que o autor deixa para a Aquisição da Linguagem, na vertente Gerativista, é excluir a própria criança e tomar a fala da criança como “elemento” asséptico, passível de descrição e análise com base em modelos lingüísticos. O que esta vertente denomina de aquisição da linguagem configura-se como um processo de desenvolvimento/evolução, herdado da Psicologia, aliado a critérios descritivos oriundos da lingüística. Questionamos se nesta perspectiva teórica haveria espaços para explicar a aquisição da linguagem de crianças surdocegas, pois o que está em discussão é descrever a linguagem como objeto homogêneo e passível de análise.

Os referenciais de Piaget (1999) e Vigotsky (2003) são constantemente convidados a explicar a relação da criança com a linguagem, ancorados em uma perspectiva desenvolvimentista do conhecimento. Dessa forma, a aquisição passa a se configurar como um processo gradual, linear e sucessivo de desenvolvimento. Na perspectiva cognitivista de Piaget, a linguagem é um instrumento, fruto de um desenvolvimento intelectual. Assim, ela está subordinada à cognição. Já na perspectiva sociointeracionista de Vigotsky, a linguagem é construída a partir da interação com o mediador, pois o outro assume papel de mediador do conhecimento, inclusive da linguagem.

Com a preocupação de tomar a criança como ponto de interrogação, Cláudia de Lemos (2006) inaugura um lugar teórico, propício e fecundo para se repensar a relação

criança-linguagem-sujeito concebida como um processo de subjetivação. Para a autora, a criança – compreendida como **corpo pulsional** - é capturada pelo funcionamento da língua (DE LEMOS, 2006; 2003). **Há, nesta perspectiva teórica, um processo de Captura.** Apesar de a autora ter recorrido à Psicanálise em busca de teorização, ela não abriu mão do compromisso com a ordem própria da língua (LIER-DEVITTO, 2006). A partir daí, ela vem desvendando os efeitos que a fala do outro/Outro exerce sobre o corpo da criança.

Desse modo, observamos que, na perspectiva da autora, ocorre o inverso das outras perspectivas de Aquisição da Linguagem, ou seja, a língua se apropria da criança, porque há um processo de captura que implica um sujeito submetido às ordens da linguagem. Isso contraria, desta forma, o próprio campo de aquisição da linguagem que implica um sujeito psicológico, com propriedades cognitivas e perceptivas. Assim, a preocupação central da autora é elucidar a relação criança-linguagem-outro/Outro.

A respeito da inquietação inicial - **qual a relação da Aquisição da Linguagem com a Psicanálise?** – observamos que existe uma lacuna a esse respeito, pois o empreendimento da Linguística foi no sentido de adotar da Psicologia uma perspectiva desenvolvimentista e um sujeito psicológico, aliado a critérios descritivistas. Entretanto, a partir da Perspectiva Linguística de Cláudia de Lemos, passou a existir o intuito de fazer um retorno à Linguística nas interfaces com a Psicanálise. Desse modo, toma-se a criança como ponto de interrogação e a linguagem como efeito de sentido, e, por conseguinte, abre-se mão do sujeito psicológico que reina na Aquisição da Linguagem, e, por fim, admite-se a hipótese do inconsciente estruturado como linguagem.

É a partir desta perspectiva teórica que tenho me defrontado com a possibilidade de vir a refletir sobre a relação da criança surdocega com a linguagem, vista como um processo de subjetivação que se dá no campo do outro/Outro. Para isso, é preciso ter um

olhar especial para a singularidade da criança surdocega, para o corpo e para a linguagem.

Sendo assim, para refletir a respeito da relação criança surdocega-linguagem-corpo-sujeito, é preciso responder, inicialmente, a uma questão: **quem é a criança surdocega?** É esta questão que tem me feito refletir e tentar buscar respostas. A pergunta parece simples, porém é complicada, pois os estudos na área da surdocegueira além de serem recentes, ainda não são suficientes para definir a singularidade da criança surdocega. Afirmar que a surdocegueira resulta de perdas visuais e auditivas que impossibilitam utilizar os sentidos de distância e, conseqüentemente, traz prejuízos à comunicação da criança surdocega (CADER-NASCIMENTO; COSTA, 2005; GOMES, 2007), não reflete, de fato, a pergunta original: **quem é a criança surdocega?** Diria que esta seria uma pergunta inquietante que tem constituído o cerne de minhas reflexões e, de certa forma, me move a buscar respostas.

Mesmo não tendo respostas conclusivas, eu antecipo em afirmar que olhar a criança surdocega apenas pelos déficits auditivos e visuais, é restringir e, ao mesmo tempo, conceber a criança como um corpo biológico da espécie humana que se encontra com subsistemas lesionados. E para tanto, concebe-se a criança como aprendiz e a linguagem como instrumento a ser aprendido através de técnicas de reeducação. Desse modo, o que resta é excluir a própria criança, e o pior, passar a descrever suas características com o intuito de normalizar/naturalizar sua presença na escola, através do trabalho pedagógico, conforme diz Gomes (2007),

[...] esses alunos apresentam em comum uma instabilidade para se comunicar, que se traduz em transtornos de conduta como isolamento, comportamentos estereotipados, auto-agressão e agressão a outros, bem como dificuldades na alimentação sólida, demora no controle do esfíncter, alternância entre sono e vigília [...] (GOMES, 2007, p 88).

Assim, fica claro que fazer listas de características e dificuldades dessas crianças com fins de reabilitação pedagógicos não possibilita abordar a relação criança-linguagem, nem compreender a relação da criança com o Outro-materno. Salientamos que a constituição psíquica e lingüística da criança se dá na relação com o outro/Outro. Assim, seria a criança surdocega que rejeita o outro, ou ela foi, primeiramente, rejeitada? (BEZERRA, 2010). Outra questão: será que estes atos da criança surdocega seriam um sintoma? Seguindo-se Silva *et al* (2008) afirmam que o trabalho pedagógico

[...] tem como objetivo, o resgate e a reestruturação das conexões neurais responsáveis pela percepção e expressão do Sistema Nervoso Central. Objetivamos contribuir para a prática pedagógica, visando superar necessidade específica da mesma e construir possibilidades de socialização entre a estudante e o ambiente escolar, estabelecendo formas de comunicação que propicie condições para a sistematização do trabalho pedagógico [...]. (SILVA, 2008, s/p)

Pelo que podemos observar, de fato, há um retorno às perspectivas que tomam a criança enquanto sujeito psicológico dotado de propriedades cognitivas e perceptivas, e concomitantemente, vêem o corpo como biológico. Desta forma, deixa-se de olhar os efeitos que a fala exerce sobre o corpo da criança, o efeito de captura (DE LEMOS, 2006; 2003), pois antes de a criança constituir um *corpus* lingüístico, ela constitui um corpo na linguagem (BEZERRA, 2010).

Como afirma Anzieu (1997) a palavra nasce do corpo, já que o corpo está submetido às ordens da linguagem (LEITE, 2003). Seguindo-se Souza (2008) que diz que [...] “Logo se pretendemos desenvolver a linguagem dessa criança, temos antes que trabalhar diretamente nos outros “componentes” do processo mental que estão imbricados com a cognição” (s/p).

Nesse contexto, resta à criança surdocega aprender, inclusive a linguagem, esta que é compreendida como objeto de conhecimento, de saber, como objeto de conhecimento que se dá pela organização neuromotora, sensorial. Nesse sentido, faz-se necessário destacar o argumento de De Lemos (2006):

[...] É mesmo impossível conceber a linguagem como objeto de conhecimento a ser adquirido pela criança como sujeito epistêmico, cujas propriedades perceptuais e cognitivas precedem e determinam sua aproximação com a linguagem. É a linguagem, ou melhor, *le langage*- e nela está incluído o outro enquanto semelhante e, na sua diferença, enquanto “outro” – que precede e determina a transição da criança do estado de infans para o de falante. (2006, p. 27, grifo nosso).

Portanto, argumentamos que os construtos teóricos e as estratégias que os pesquisadores têm recorrido para explicar a relação da criança surdocega com a linguagem possuem um caráter fragmentário, pois deixam de olhar aspectos essenciais ao sujeito humano, e insistem em contemplar uma visão organicista. Por conseguinte, anulam-se os efeitos que a linguagem exerce, bem como deixa-se de conceber que a constituição da criança surdocega se dá na relação com o outro/Outro. Contrário a esta proposta organicista da linguagem, o trabalho de Bezerra (2010) evidencia que a criança surdocega, como qualquer criança, é capturada pela fala do outro/Outro, já que a fala exerce efeito sobre o corpo. Isto é, o significante se apodera do corpo (LEITE, 2003).

Desse modo, é preciso repensar a relação da criança surdocega com a linguagem a partir de um lugar que possibilite olhar a sua subjetividade, e reconheça os efeitos que a fala do outro/Outro exercem sobre a criança, principalmente o efeito de captura, pois é a partir do outro/Outro que a criança é imersa no simbólico.

BIBLIOGRAFIA

ANZIEU, D. Para uma psicolingüística psicanalítica: breve balanço e questões preliminares In: ANZIEU, D. (ORG.). **Psicanálise e linguagem**: do corpo à fala. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BEZERRA, L. C. S. **A criança surdocega e a linguagem no contexto escolar e familiar**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco.

CADER-NASCIMENTO, F.A.A.A.; COSTA, M. P. R. **Descobrendo a surdocegueira**: educação e comunicação. São Paulo: Eduscar, 2005.

CHOMSKY, N. **Lingüística Cartesiana**: um capítulo da história do pensamento racionalista. Petrópolis: Vozes, 1972.

DE LEMOS, C. T. G. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição da Linguagem In: LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. (ORG): **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006.

_____. Corpo & Corpus In: LEITE, N. V. A. (ORG). **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

GOMES, M. R. A educação do surdocego e do deficiente múltiplo no INES In: **Anais do Congresso do INE**, Rio de Janeiro, 2007.

LEITE, N. V. A. Riso e rubor: para falar do corpolinguagem In: LEITE, N. V. A. (ORG). **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

PIAGET, J. **Linguagem e Pensamento**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LIER-DEVITTO, M. F. Teorias de Linguagem e Falas Sintomáticas In: **II Fórum de Linguagem – no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ**. Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, R. *et al* A reorganização neuromotora e a prática pedagógica junto ao estudante surdocego In: **Anais do 3º Congresso Brasileiro de Educação Especial**, São Carlos, 2008.

SOUZA, M. M. Como se dá o processo de letramento/alfabetização da criança surdocega: a importância da participação da família neste processo In: **Anais do 3º Congresso Brasileiro de Educação Especial**, São Carlos- SP, 2008.

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo..** São Paulo: Cultrix, 2006.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SOBRE O AUTOR

Luiz Carlos Souza Bezerra. Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, professor do Curso de Letras da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu, da Universidade Estadual do Ceará – FECLI/UECE. E-mail: bezerralcs@gmail.com